

Trata-se de um livro interessante e de fácil leitura, muito bem documentado, de triplo contributo para a historiografia: História da Imprensa, História das Mulheres e Estado Novo. Sem dúvida que merece ser divulgado para ser lido, todavia o que lhe acrescenta valor é o contributo que dá para alargar o debate académico numa área pouco trabalhada e sem dinâmica interna, precisamente, a imprensa periódica feminina. Com o livro de Maria Alice Pinto Magalhães, perfazem-se seis trabalhos académicos sobre a matéria, que vão desde a licenciatura e mestrado até ao doutoramento, desenvolvendo ou complementando outros trabalhos promovidos pela CIDM. Já há, por conseguinte, um núcleo de estudos que vale a pena ponderar numa linha coerente de investigação.

Teresa Santos

Maria Teresa Horta, *Poemas do Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 2009, 119 pp.

A obra de Maria Teresa Horta publicada no ano transacto com o título *Poemas do Brasil* reflecte a maturidade de escrita a que a autora já nos tinha vindo a acostumar, desta feita resultando numa intensa carga poética com que desencadeia motes para o versejar por si oferecido.

Maria Teresa tem extensa obra publicada, da qual chegaram ecos, com maior ou menor amplitude, ao país irmão. Em 1960, *Espelho inicial* marca a sua estreia, em edição de autora, e a partir de então, até hoje, edita perto de 4 dezenas de títulos. Acerca da autora é referido na nota bio-bibliográfica que fecha a edição: “Figura emblemática do feminismo em Portugal, Maria Teresa Horta foi condecorada com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique pelo Presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio, no dia 8 de Março de 2004” (p. 119). Lembramos que Maria Teresa Horta integrou a primeira manifestação feminista em Portugal, “contra os símbolos da opressão das mulheres que ainda persistiam no Portugal pós-Abril de 1974”. Precisamente há 35 anos atrás saiu do n.º 28 da Av. Sidónio Pais, a manifestação do MLM – Movimento de Libertação das Mulheres (primeiro núcleo feminista português de segunda vaga) até ao Parque Eduardo VII. A UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta quis assinalar a data, este ano, marcando encontro no mesmo espaço e uma concentração no Parque. Este ponto em Lisboa será um dos marcos a assinalar na edição de *Roteiros Feministas*, estudo já em curso, numa parceria que junta um grupo de investigadoras/es de *Faces de Eva* e UMAR.

Também na quarta-feira, dia 13 de Janeiro de 2010 a escritora se juntou a outras tantas “históricas-activistas-feministas” e aí teve oportunidade de esclarecer: “Grande parte das mulheres da época não usavam sutiã e o que queríamos queimar eram coisas simbólicas, como panelas”, explicita. A notícia veiculada, à época, pelo jornal *Expresso* não fazia jus ao acontecido durante a manifestação organizada pelo MLM. Generalizou-se a ideia de que as activistas iriam fazer *strip-tease* e queimar sutiãs, o que não correspondia, de todo, ao projectado, mas serviam plenamente os objectivos dos detractores do feminismo. Tal facto “levou a que homens, identificados por símbolos nas lapelas dos casacos de todos os partidos portugueses da época, fossem para o Parque Eduardo VII”, como relatou Teresa Horta ao *Diário de Notícias* em 13 de Janeiro passado (p. 16).

Acerca desta escritora também é notado: “na ficção estreou com *Ambas as mãos sobre o corpo* em 1970 e, no ano seguinte, (é muitas vezes referido o ano de 1972 como tendo sido o da publicação) em co-autoria com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, publicou *Novas cartas portuguesas*, belíssima obra de denúncia da inferioridade da situação social da mulher portuguesa (e da opressão vivida na esfera privada) que valeu às autoras um processo judicial ‘por ofensa à moral pública’ movido pelo regime político de Marcelo Caetano, e está editada em numerosos países” (p. 119).

Poemas do Brasil são editados no continente brasileiro, sendo o primeiro livro da autora aí publicado. Resulta claro que a obra veio a lume transportando a vivência de uma outra vida (paralela?) quem sabe mesmo, complementar, arriscaria pensar, pois a cada poema, uma dedicatória, ou um testemunho, num sussurro ou num desabafo, nos permitem vislumbrar os laços estabelecidos no Brasil ou estreitados com “as gentes dos brasis”.

A quem dedicou Teresa Horta os seus (poemas), desenhos de papel feitos palavras? A quantos priva de maior intimidade, na valência de proximidade a Conceição Flores, uma das organizadoras do XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional, *Mulher e Literatura: Memórias, Representações, Trajectórias*, Hotel Praia Mar, Natal/RN, Brasil, realizado nos dias 2, 3 e 4 de Setembro de 2009. Mas também a Ana Maria Domingues de Oliveira, Gabriel Arcanjo Albuquerque, Miriam Bittencourt, Jorge L. Marques, Cármén Sílvia, Emília Amaral, Gilda Santos, Nélida Piñon, Sérgio Nazar David e, enfim, por mais de uma vez, Marlise Vaz Bridi é brindada, pois é sobre ambas que relata, na poesia apelidada *viagem de amigas*, “Nós corremos contra/o tempo/(...) Bebemos água de coco/ouvimos Elis Regina/(...) Tu guiavas em silêncio/(...) Invocámos

as escritoras/na textura do papel/da história da literatura/Os poemas de Cecília/a chama de Florbela/os romances de Virgínia” (pp. 76-77). E é assim. A par e passo constrói a história de uma obra, mantendo uma cumplicidade com o leitor, própria de quem nutre afeição pela trama poética da narrativa. Conhecêmo-la bem. Talvez seja pouco. Devoramos os seus textos! Talvez não se aplique. Porém, certamente disfrutamos da sua qualidade de escrita. A magia da poesia. Sentimos prazer em deixar fluir a canção vinda do som das palavras, um verdadeiro deleite perpassa os momentos de beleza captados no curso das leituras que nos lega.

Poemas do Brasil acabam por ser poemas nossos, de quem vê no universo da leitura a pertença a um mundo singular sem cortes, nem ausências, antes de esperas, de consentimentos, nas pausas, entre uma leitura e outra. As cento e dezanove páginas com que nos premeia a obra são *plaqueau* para 73 composições. As restantes páginas incluem uma pequena mas esclarecedora dedicatória da autora, “Ao Luís/Com paixão de eterna redescoberta/nestes dias de sonho/Às minhas amigas/e aos meus amigos brasileiros/todas elas e eles maravilhosos”.

Em seguida é Ana Maria Domingues de Oliveira quem assina o prefácio aos poemas (Assis, Setembro 2008). Ali conta como o ponto de partida foi a homenagem prestada em 2007, por professores brasileiros de literatura portuguesa, a Maria Teresa Horta, e como esse júbilo suscitara a força da criação poética, convocada desde o súbito momento em que, partindo de Portugal, rumo a S. Paulo. Pouco depois, a estrada Rio-Santos, até ao Rio de Janeiro. E só depois, o regresso. Toda uma história, onde cabem tantas outras histórias.

As palavras com que a decano brasileira Zenobia Colares, fechou a sua comunicação intitulada, “O Lirismo Homoerótico de Judite Teixeira”, no colóquio *Mulher e Literatura*, são capazes de assegurar o epílogo apropriado para esta leitura. Disse então Zenobia, e cito: “As poesias de Florbela [Espanca] e de Judith [Teixeira] foram “a erupção da linguagem enterrada da paixão”, foram a pedra inaugural, a abertura dos caminhos, a fertilização do terreno onde se fincariam as raízes da poesia erótica feminina na literatura portuguesa. Todavia, a sua poesia não é ainda a festa do erotismo triunfante, da sexualidade feminina resgatada, do corpo liberto que se instauraria principalmente com Teresa Horta, secundada por Rosa Lobato Faria, Ana Hartherly e Luiza Neto Jorge, dentre outras, bem mais ousadas e transgressivas que elas”.

Não saberia eleger melhor quadro para situar nestes trânsitos atlânticos os *Poemas do Brasil* por Maria Teresa Horta. Porém não deixa de ser curioso o facto de o lançamento do livro de poemas então composto, acontecer justamente numa homenagem para a qual é sujeita, dois anos

depois, em Natal. “Em todos eles, fica mais uma vez evidente a singularidade da voz poética de Maria Teresa Horta, com as asas da palavra voando entre Portugal e Brasil.”

Então os poemas se sucedem, um e outro. Um após outro. Até ao último, “Amigas Brasileiras” se intitula: “O oceano doendo, meridiano veloz/de tudo o que nos separa, mas se também/nos apraz, nos liga e entrelaça/se desentende, deslaça e em seguida se refaz (...) Trocamos escritos, poemas, rimas/versos e segredos, tomamos umas/das outras aquilo que vai crescendo/entre o sossego e a calma/E em seguida na partilha, unimos/e dividimos, a língua e a linguagem/entre pátria e outra pátria, entre a fala e o não dito, a poesia e o escrever/A emoção e a alma” (pp. 112-113).

Tudo isto é graça de quem sabe transmitir como junta e guarda no coração, pela alegria, na partilha, pela dor, na ausência, a que chamamos saudade!

São afinal assim: *Poemas do Brasil*, “de Portugal, atado em nós de escrita/ao Brasil, recriando a musa ambígua/a partilhar para sempre a mesma língua” (p. 98). Poemas para ler e reler.

Isabel Lousada